

'América'/EUA: consonâncias e dissonâncias eletivas entre Missis Algren e Mademoiselle Simone de Beauvoir

Manuella Tavares

Resumo:

Em *Lettres à Nelson Algren. Unamourtransatlantique, 1947-1964*, publicadas por Sylvie Le Bon de Beauvoir, são expostas as dissonâncias e as consonâncias do pensamento de 'MissisAlgren'/ Mademoiselle de Beauvoir sobre a América imaginada e os EUA. Nas cartas de Simone de Beauvoir a Nelson Algren reproduz-se o ritmo de dissonâncias que rege as relações franco-americanas (anos 50-70), em plena americanização da sociedade francesa, negada pelo antiamericanismo intelectual francês. O crescente afastamento entre os dois amantes reflete-se na ampliação do distanciamento diplomático entre as duas nações.

Simone de Beauvoir publicou as suas consonâncias e dissonâncias dedicadas ao objeto América, em *L'Amérique au jour le jour* (1947). Ao estudioso cabe analisar este encontro entre razão e emoção.

Palavras-chave: América, França, americanização; americanismo; intelectualismo; Beauvoir; Algren.

Abstract:

A Transatlantic Love Affair: Letters to Nelson Algren, published by Sylvie Le Bon de Beauvoir, displays 'Missis Algren'/Mademoiselle de Beauvoir's dissonances and consonances regarding an imagined America and the USA. The contents of Simone de Beauvoir's letters to Nelson Algren reproduce the rhythm of dissonances prevailing in the US/France diplomatic relations (1950s-70s), as France indulged in Americanization, denied however by French Anti-Americanism intellectuals. The increasing estrangement between the two lovers mirrors the increasing diplomatic discord between the two nations.

Simone de Beauvoir published her consonances and dissonances devoted to the object America in *America Day by Day*. It is up to the scholar to further analyze this encounter between reason and emotion.

Keywords: America, France, USA, Americanization; Americanism; intellectualism; Beauvoir; Algren.

A bibliografia de Simone de Beauvoir é ricamente provida de ensaios, romances e de diários, redigidos na sequência das suas numerosas deslocações pelo mundo inteiro. No início da década de 50, quando a indústria da aviação comercial, em plena ascensão, se abre à elite e às classes médias em todo o mundo, Simone de Beauvoir voa para os Estados Unidos para divulgar o existencialismo por várias universidades norte-americanas. Esta é a razão oficial para a viagem "transatlântica", pois um forte motivo

peçoal leva-a a sujeitar-se a um longopériplo de mais de vintequatro horas de voosobreas águas frias do Atlântico-norte: de Beauvoir parte à descoberta da América com o intuito deelaborar a sua própria América, recorrendo às suas opiniões, pensamentos e sentimentos.¹

Educada num clima carregado de antiamericanismo francês, um fenómeno bicentenário mormente intelectual, Simone de Beauvoir conhece as perspetivas francesas sobre a geografiae a sociedade norte-americanas. Algumas alterações foram inequivocamente introduzidas no mapeamento intelectual francês relativo a uma América(semre muito imaginada), elaborado entre os primórdios do século XVIII e meados dos anos cinquenta do “século americano”, como lhe chamou Henry Luce. Deste modo, teorias e medições científicas duvidosas (ou “pseudocientíficas”) foram substituídas por um sistema de posicionamento global mais preciso e menos preconceituoso. À guisa de exemplo destas elucubrações irracionais muito em vogano século XVIII, o francês Georges Louis Leclerc, vulgo “conde de Buffon”, concluía que a fauna, a flora e as paisagens diversificadas desta longínqua região evidenciavam um estado generalizado de degeneração avançada, revelando um lugar tão inóspito que impedia os cães de ladrar. De Buffon, que nunca viajou fisicamente até à então ainda colónia britânica além-Atlântico, ecoava assim os pareceres dos seus colegas europeus.

Após a Segunda Guerra Mundial, a sociedade francesa, apesar das afirmações em contrário de muitos intelectuais (sobretudo franceses), “americanizou-se”, rendendo-se aos bens de consumo colocados à sua disposição, bem como de todos europeus “livres” graças aos mercados, agentes, patrocinadores e clientes da já experiente sociedade de consumo norte-americana. Todavia, a intelligentsia francesa– na sua óticamais racional e sapiente do que os seus compatriotas iludidos pelo consumo (e futuras vítimas do consumismo) –interroga-se acerca das geografias sociais díspares da imensa rede norte-americana, composta por agregados rurais desertos e pobres e por uma população rica concentrada em pólos urbanos propícios a um ambiente (intelectual e socialmente) doentio. Desta forma, na década de 50 do século XX, Simone de Beauvoir e seus pares receiam ainda a “americanização”, um processo de modernização (e industrialização) cuja designação é atribuída por Philippe Roger ao

¹ América, sem aspas, é entendida neste texto como uma América imaginada e não a nação dos Estados Unidos.

poeta Charles Baudelaire, na sua obra de referência sobre o antiamericanismo francês –*L’ennemi américain. Généalogie de l’anti-américanisme français*. No período pós-guerra, na opinião dos mais céticos e desconfiados cidadãos franceses, a americanização atualiza-se e disfarça-se no plano Marshall: no entanto, na opinião de Simone de Beauvoir, a sua utilidade para a recuperação socioeconómica da França e da Europa é incontestável. Assim, muitos franceses, instigados pelos discursos inflamados dos membros e simpatizantes do partido comunista francês, em particular, acreditam no fenómeno da coca-colonização da Europa: os EUA vão submergir a Europa com os seus produtos para depois estabelecer um império económico-cultural baseado no materialismo. Este projeto é considerado maléfico para as questões da soberania nacional e para o resgate das identidades culturais e económicas.

Rob Kroes, especialista em Estudos Americanos, principalmente na questão da cultura de massas e nos conceitos de americanização e (anti-)americanismo na Europa (mais especificamente nos Países-Baixos, seu país natal, e na França) examina as razões e os modos como a elite francesa começou a descrever a América como o ‘império do Mal’:

Para Sartre e de Beauvoir, tal como para os intelectuais franceses de esquerda, de uma forma mais generalizada, foi no começo dos anos 50 que a América assumiu o seu lugar de império do Mal no mundo maniqueísta. [...] Os achados de Reisman [a redescoberta dos textos escritos por Alexis de Tocqueville] levaram de Beauvoir a rejeitar os americanos, vendo neles uma nação de “carneiros”, sendo todos exo-condicionados [o que significa em francês “manipulados” ou condicionados por outrem] (Kroes, 2006: 229).²

Na verdade, a maior parte dos franceses não tinha posses nem condições socioculturais para viajar até aos EUA; todavia, um número assaz significativo (relativamente aos tempos e modos de vida) de cidadãos franceses tentou informar-se dos contornos e características positivas e negativas da americanização, na sua versão revista e adaptada às novas conjunturas socioeconómicas e geopolíticas, a nível mundial e europeu, no início da Guerra-Fria. Para muitos, esta vontade de aprender mais sobre os produtos, serviços, *modus operandi* e condições socioculturais propostas pelo “American Way of Life”, implicou uma mudança geográfica: muitos

²Todas as traduções usadas ao longo do texto são da responsabilidade da autora.

viajaram até aos EUA, por barco (ainda comum na altura, “letransatlantique”) e outros, por avião.

Richard Kuisel, no seu opus intitulado *Seducing the French. The Dilemma of Americanization*, dá conta deste fenómeno francês da procura, da vontade de aproximação física e social da América. Kuisel evidencia como as perspectivas francesas dos intelectuais careciam de justeza: por exemplo, a comparação entre o número reduzido dos viajantes de lazer franceses nos EUA e o número elevado de turistas norte-americanos em França (primeiro e especialmente, “americanos em Paris”) é omissa, afirmando Kuisel que muitos diretores de fábricas e operários qualificados, operários menos especializados, sindicalistas, estudantes universitários, cientistas e intelectuais franceses percorreram de facto os EUA.³ Muitos viajaram pelas mais remotas e menos conhecidas regiões norte-americanas, durante longos períodos de tempo (vários meses). O objetivo destes cidadãos anónimos era tentar descobrir uma América real, despida de preconceitos e de pretextos que compõem a América no imaginário de grande parte dos cidadãos franceses. Consequentemente, eram viajantes que procuravam “americanizaram-se”, na medida e nos modos em que ansiavam sê-lo: pela aprendizagem de novas técnicas científicas e práticas industriais e de gestão de empresas norte-americanas; pela observação e possível emulação de modelos sociais; pela adoção de métodos inovadores visando a melhoria da qualidade da sua formação profissional e das suas competências e performances no local de trabalho, a fim de otimizar a produção. Richard Kuisel, Richard Pells, Pierre Rigoulot e Rob Kroes, entre outros críticos, advertem que a “americanização”, como qualquer outro processo, tem aspetos negativos e positivos. É ainda oportuno lembrar que ocorreram vários tipos e formas de “americanização” e que cada caso tem de ser contextualizado.

No caso dos franceses, em pleno processo de reconstrução nacional, mental e estrutural (para ocultar memórias inglórias recentes de uma França de capituladores e colaboradores) no início da década de 50, é difícil admitir o quanto a americanização,

³A comédia musical *An American in Paris*, realizado por Vicente Minelli, em 1951 (MGM Studios) e inspirado na obra musical de George Gershwin (1928), ilustra a presença significativa dos turistas norte-americanos em França, um fenómeno *in crescendo* desde de meados da década de vinte do século passado.

que muitos desejavam e procuravam, os ajuda a melhorar a vida quotidiana do seu país e a fomentar a sua posição na criação do projeto europeu da então futura Comunidade Europeia.

No âmbito geral, no decorrer da segunda metade do século XX, as perspetivas francesas acerca da geografia física e social dos EUA são mais ponderadas ou razoáveis, mas a distância mental entre os dois vizinhos transatlânticos mantém-se idêntica e até se deteriora, em virtude dos episódios bélicos da Guerra na Coreia e, mais tarde, da Guerra do Vietname e conseqüentes interpretações geoestratégicas dissimilares. Estes factos influenciaram a produção da cartografia mental da América e dos EUA, executada pelos europeus e franceses, no caso que me ocupa aqui. Simone de Beauvoir sacia então a sua curiosidade e fascínio pessoais pelos EUA graças à sua ambição de intelectual e de cidadã francesa comprometida. *Le deuxième sexe, l'Amérique au jour le jour, Les Mandarins* são exemplares do estado e do grau de proximidade de Simone de Beauvoir em relação aos EUA e à América imaginada quer geográfica quer intelectualmente, mesmo para efeitos de críticas virulentas. Simone de Beauvoir esteve sempre consciente da existência de uma América imaginada, pelos norte-americanos e europeus e o seu interesse pelos temas associados às relações transatlânticas desenvolveu-se sobretudo entre os anos 50 e 60, precisamente nos anos durante os quais mais se deslocou aos EUA e mais interagiu intelectual e emocionalmente com o escritor norte-americano Nelson Algren.

Em 1948, Simone de Beauvoir publica uma obra-mestra de cariz crítico-filosófico, o diário *L'Amérique au jour le jour*, que contém um relatório crítico e analítico sobre todos os lugares nos EUA onde Simone de Beauvoir esteve, entre janeiro de 1947 e maio de 1948, de costa a costa, de Norte a Sul. Este diário contempla também as suas viagens turísticas ao México e América Latina. A impressão geral é que de Beauvoir sucumbiu aos encantos e benesses da geofísica, da geografia mental e societal norte-americanas e rendeu-se a algumas características da modernidade da América. No entanto, ela apontou e criticou igualmente as fissuras presentes na sociedade norte-americana.

O antiamericanismo consiste na expressão de repúdio de um objeto mitificado, a América e de um conceito teórico lato: o americanismo. Simone de Beauvoir teve uma relação ambivalente com este fenómeno sociocultural: adotou e afastou-se dos argumentos antiamericanos e das perspetivas elaboradas pelos seus antecessores e

também pelos seus pares, consoante o seu estado físico e mental. Por consequência, os escritos de Beauvoir refletem e traduzem estes estados do ser, oscilando entre consonâncias e dissonâncias para com a América real e imaginada. Estas consonâncias (subscritas por MissisAlgren) e dissonâncias (subscritas por Mademoiselle de Beauvoir) eletivassão legíveis no movimento binário, irregular, dramático e profundo impresso na sua relação à distância com o escritor norte-americano Nelson Algren, que apelida de “meu marido”. Quando Simone de Beauvoir se sente perto quer da (sua) América, quer de Algren nos seus escritos, abundam as consonâncias e o seu estado emocional (ficcional) de ‘MissisAlgren’. Quando Simone de Beauvoir fustiga, repudia e acusa os EUA e Algren por alguma ação inapropriada, injustificada e desmedida, volta ao seu estado civil real: ‘Mademoiselle Simone de Beauvoir’, a mulher independente e ciente da sua posição no xadrez cultural francês e europeu.

Este relacionamento com Nelson Algren, numa idade madura (aos 41 anos), marcou indelevelmente a sua interpretação do mundo e das relações pessoais, sociais e nacionais enquanto mulher, cidadã francesa, escritora e estudiosa da América imaginada. A identidade é inquestionavelmente formatada pela necessária interação entre um ser e os espaços geográficos à sua volta: neste ângulo, dois pequenos mundos, o “eu” de Simone de Beauvoir e o “eu” de Nelson Algren (dois indivíduos, duas personae, dois escritores, representantes de duas nações em constante processo de construção da suas identidades) encontraram-se e confrontaram-se num espaço não-físico e geográfico –a América imaginada, sempre utópica e distópica – graças a uma longa e inconstante correspondência epistolar de dezassete anos.

Poder-se-á afirmar que de Beauvoir, entre a sua primeira estada nos EUA (1947) e a estada derradeira (1970), refinou os contornos dos seus textos, os quais são influenciados pela sua interação física e sobretudo mental com o Outro – seja ele um país ou um homem ou mulher. A interação com Nelson Algren ocorreu mormente via correspondência epistolar, um recurso obrigatório para a gestão desta relação matrimonial transatlântica: as cartas viajavam com mais facilidade do que os seus dois destinatários ou remetentes. Após a morte de Simone de Beauvoir, apenas as missivas de Simone para Algren foram compiladas e publicadas pela sua filha adotiva, SylvieLeBon de Beauvoir. Apesar de os responsáveis pela edição em francês terem optado por acrescentar um subtítulo muito apropriado, “unamourtransatlantique” –

*Lettres à Nelson Algren. Unamourtransatlantique, 1947-1964*⁴o amor *tout court* foi traduzido para língua inglesa por “love affair” (*A Transatlantic Love Affair: Letters to Nelson Algren*), traindo, ou talvez descrevendo de um modo mais realista, a visão da autora sobre a sua relação: tratou-se de um caso amoroso.⁵A leitura das cartas demonstra o quão rapidamente as diferentes localizações ou posições emocionais e intelectuais de Simone de Beauvoir e Nelson Algren acabam por reproduzir o ritmo de dissonâncias que rege as relações franco-americanas entre os meados dos anos 50 e o início dos anos 70.À medida que os dois se afastam um do outro por motivos distintos na relação de casal dissonante do modelo padronizado (um casal, uma casa), pode ler-se nas cartas o distanciamento em curso nos planos geopolítico e diplomático entre a França e os EUA, especialmente na véspera da guerra da Coreia. Ao ler de Beauvoir, o leitor recorda este episódio histórico envolto em muita tensão, que opôs os EUA à França (principalmente a esquerda francesa), tal como pode constatar uma reação mais mitigada por parte dos intelectuais franceses da geração de Simone de Beauvoir, durante a guerra do Vietname.

Esta pressão diplomática teve por origem a resposta norte-americana à invasão norte-coreana para além do paralelo 38. A França, na sua qualidade de membro permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas e tendo já tido a sua quota-parte de problemas nesta região asiática no decorrer do processo de descolonização das suas antigas colónias (Indochina, Laos e Camboja) optou por condenar a política norte-americana dita de “contenção”. A França considerava que esta política não passava de um disfarce semântico para encobrir as intenções reais dos EUA nesta região do globo: preservar e desenvolver uma política qualificada pelos franceses, no caso em estudo, como imperialista. Após ter exposto de uma forma veemente e audível a sua oposição e críticas à estratégia bélica dos EUA, associando-se neste protesto à voz de Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir teve de suprir inúmeros obstáculos para obter um visto norte-americano. A política do Ministério dos Negócios Estrangeiros franceses preconizava uma atitude firme de resistência neste debate latente, mas isenta de ataques demasiado diretos e inflamados de vozes da dissensão. Os intelectuais agregados ao redor do mitificado casal-intelectual Sartre-Beauvoir não

⁴Referir-me ei às mesmas no restante ensaio, usando o termo “Cartas”.

⁵ Simone de Beauvoir, 1999.

se deixaram intimidar e a liberdade de expressão garantiu que o dissenso para com as vontades expressas pelo governo norte-americano fosse verbalizado. Desta maneira, Simone de Beauvoir, cuja aversão à *langue de bois* lendária, não se coibiu de usar seis vezes, nas suas cartas entre 1952 e 1964, o epíteto escatológico “*votre sale pays*” (‘um país de mete-nojo’), quando se referia aos EUA, durante as guerras da Coreia e do Vietname.

A par deste conflito diplomático visível e duradouro desponta nas suas Cartas uma contenda de outro tipo. Simone de Beauvoir desdobra-se em duas personagens distintas, as quais coexistem e lutam pela sua afirmação individual na sua relação dupla com Nelson Algren e com a América. Simone de Beauvoir, no início do texto, tenta abortar o processo de ocorrência desta dupla, mas a sua intenção é traída pelas suas palavras, o tom e o desenvolvimento narrativo das cartas:

Está errado, meu caro marido, embora lhe seja muito prazeroso repeti-lo, que duas mulheres coexistem em mim, uma só basta para o amar corretamente. Na verdade, a grande diferença entre as minhas cartas e os meus artigos provém do facto de que escrevo as primeiras em língua inglesa e os segundos em língua francesa. [...] Mas esta insignificante diferença não deve enganá-lo: existe apenas uma mulher e só uma. Quando escrevo romances ou ensaios, tento ser tão verdadeira como quando lhe digo que o amo. [...] Não estou a brincar: consagro longas e sérias reflexões ao nosso amor, ao que me dá, que é fundamental, e ao que eu não lhe dou. No entanto, querido, se mantiver a opinião de que sou uma mulher dupla, asseguro-lhe então que as duas mulheres o amam e que talvez a que mais o ama não seja a mais inteligente (Beauvoir, 1999: 179).

A mesma ideia é reiterada pela escritora, nas palavras seguintes: “Não é apenas a sua falta, suponho, que me entristece, mas a falta do meu 'eu' de lá, é de nós que sinto a falta, Chicago à nossa volta a trovada inesperada e feliz do meu coração que me faz falta.” (Beauvoir, 1999: 361-362).

Para encontrar a dupla Simone basta sobrepor o seu diário com as suas cartas: dois tons dissimilares são legíveis. À medida que o tempo passa, e forados limites da sua relação de amor/repulsa vivida e redigida com Nelson Algren, de Beauvoir torna-se cada vez mais comprometida (“*engagée*”) e dissonante. Simone de Beauvoir escolhe desabrochar e amadurecer a solo. Nas suas Cartas, pode ler-se o processo de identificação, o “*coming out*” de Simone como uma mulher intelectual francesa implicada com as suas ideias:

Perceba que toda a Esquerda francesa, mesmo a liberal, vomite a presente//atual política americana – incluindo eu. Nós desdenhamos estes ricos capitalistas que apanham o avião para Nova Iorque a fim de salvar o seu “cacau”. Escolher a América seria escolher o capitalismo em contradição com tudo aquilo que escrevemos e proclamámos. (Beauvoir, 1999: 633).

Simone desiste de ambos, da sua *liaison amoureuse* baseada na utopia e do seu título ficcional de “mulher casada”. Simone de Beauvoir manteve o mesmo estatuto civil durante toda a sua vida: “Mlle” Simone de Beauvoir.

Nas suas Cartas, Simone de Beauvoir refere Nelson Algren não como o seu “amante (norte-)americano” mas como “o seu dilema pessoal”. Como as cartas de Nelson Algren endereçadas a Simone de Beauvoir não foram publicadas, o/a leitor/a só pode decifrar o gradual aumento na amplitude do (duplo) dilema Nelson Algren/América a partir do ponto de vista da autora. Pode igualmente constatar um avolumar de dissonâncias entre a vontade de Simone de Beauvoir em difundir a imagem de uma América positiva e as expressões duras e pouco lisonjeadoras, mas certamente “reais”, do seu ponto de vista, que de Beauvoir emprega com maior frequência para descrever os EUA e a América. Simone de Beauvoir observa os EUA cada vez mais à distância e indiretamente, por intermédio dos relatos de outros viajantes e intelectuais e dos meios de comunicação escritos e audiovisuais. A intelectual de Beauvoir perde a sua capacidade de discernir entre dissonâncias oriundas de uma visão objetiva ou de um ponto de vista mediado e subjetivo, mas apodera-se à mesma deste local de consonâncias e dissonâncias eletivas, já que a mulher Simone de Beauvoir abandonara o leito conjugal virtual há muito tempo.

A explicação para a ocorrência de um dilema e de dissonâncias pessoais e intelectuais para com a figura de Nelson Algren (sinédoque da América imaginada de Beauvoir, e dos EUA) é muito simples: Simone não consegue deixar o seu país, o seu estilo de vida, Sartre e a sua singular relação intelectual com ele. Se de Beauvoir fosse viver para EUA, esta alteração de localização espaço-temporal impedi-la-ia de escrever, ou seja, de criar, ergo, de viver. A história de amor ou romance acaba por ser um conto egoísta de autocapacitação que se adensa e aumenta à medida que Simone de Beauvoir começa a trabalhar seriamente no *Ledeuxième sexe*, em 1948, servindo-se dos dados volumosos que congregou sobre a condição feminina no decorrer da sua

primeira estada nos EUA. Não há lugar para o romantismo: apesar do juramento que prestou perante si mesma de se comportar por todo o lado como a Senhora Algren ('MissisAlgren'), a esposa/mulher de Nelson Algren, Simone de Beauvoir nunca se sentiu culpada ou incomodada pela sua relação com Sartre por causa de Algren ou vice-versa. A atenção de Beauvoir estava apenas concentrada na sua capacidade de melhorar e de expandir o seu ser interior, enquanto escritor(a), mulher, e cidadã francesa intelectual. Se Simone de Beauvoir foi enterrada com um valioso anel em prata doado por Nelson Algren, esta é a única prova ou expressão de romantismo nesta história de amor, ou neste caso amoroso transatlântico.

O tom e o teor das cartas redigidas por Simone de Beauvoir após 1952 revelam uma intelectual mais madura, amargada e furiosa. Ela ataca as políticas interna e externa dos EUA, respetivamente a caça-às-bruxas protagonizada pelo Senador Joseph McCarthy e a guerra da Coreia. Além do mais, Simone de Beauvoir aflige-se com a receção cada vez menos frequente de cartas do seu "marido" norte-americano e pelo estado de autodestruição de Algren que as mesmas missivas desvendam. Após lhe ter sido entregue um prémio muito cobiçado pelos escritores norte-americanos – o National Book Award, pelo seu romance *The Man With The Golden Arm*, em 1950–, Algren mergulha num estado de depressão profundo, piorado pelo consumo exagerado de álcool e de drogas.

Os dilemas de Simone de Beauvoir transformam-se num inextricável novelo de contradições: à medida que ela se afasta e deriva irrefutavelmente das presenças física e intelectual de Nelson Algren, compra, em Paris, em livrarias norte-americanas e recebe de Algren as mais recentes produções literárias ficcionais e não ficcionais norte-americanas.

Do seu quarto de hotel ela lê, analisa, critica, debate acerca dos últimos acontecimentos, atores, filmes, costumes, reformas políticas e sociais, produtos, modas, ideias e rumores "made in USA". Apesar de se encontrar geograficamente distanciada do seu objeto de interesse América, ela deseja ardentemente aproximar-se o mais possível dele, dentro e para além da sua relação com Algren: "In joy or sorrow".

Os textos epistolares de Simone de Beauvoir revelam as suas preocupações acerca das condições de vida sumárias dos trabalhadores, mulheres, pessoas comuns, pelo mundo fora. Ao descrever o *modus operandi* das sociedades chinesa, russa, e brasileira e ao estar desta maneira mais perto delas, pode pensar-se que o interesse de Simone de Beauvoir está igualmente a dispersar-se por outras áreas e assim a afastar-se de facto do seu 'Americanlover' e da sua paixão e fascínio pelos EUA. Contudo, a simples existência e o conteúdo destas cartas comprovam que ela continua a comparar e a medir, opondo a sociedade francesa à sociedade norte-americana, até a última carta. Subjacente ao seu estado de repúdio em relação a América e Algren, o fascínio emerge: de Beauvoir jamais poderia viver sem a América, nem deixar o seu novo ser e estatuto de mulher casada na América.

O conflito é muito mais visível quando se examina a maneira como Simone de Beauvoir utiliza os pronomes pessoais e joga com o vocabulário, nas suas missivas de modo a transcrever este processo de distanciamento físico e emocional para com Nelson Algren. A análise detalhada desvenda o mesmo procedimento, mas num sentido inverso: ela está a aproximar-se da América ainda que por meio de duras críticas. De 1947 a 1951, o "eu" (a mulher de nacionalidade francesa) está apaixonado por um "tu" (o homem e cidadão norte-americano): existe de facto um "nós", neste período de tempo. De 1950 a 1964, entre altos e baixos, os dois escritores afastam-se devagar um do outro: o "eu-Simone" fala de um "nós" que inclui "eu e os meus concidadãos franceses" e "eu e Sartre", contra um "vós" – Nelson e a América. De realçar que infelizmente a subtil *mise à distance* imposta pela segunda pessoa do plural quando ela se dirige a Algren é eliminada no processo de tradução para inglês. Esta História transatlântica entrelaça e torna confundíveis os conceitos de autoidentificação e de juramento de fidelidade à nação: trata-se de um "eu" que se contrapõe ao estrangeiro ('alien'). Consequentemente, a geografia e os interesses tornam-se geopolíticas.

Simone de Beauvoir viveu no número 1523 da rua Wabansia, em Chicago, estado do Illinois, por algum tempo. Quando voltou para o seu quarto de hotel em Paris, imprimiu no papel as suas consonâncias e dissonâncias para com a América que viu, sentiu e avaliou, de um modo essencialmente intelectual, na sua opinião. As suas impressões e críticas surgiram explanadas na primeira pessoa em *L'Amérique au jour le jour* e

ficcionadas no romance que lhe valeu o cobiçado prêmio Goncourt: *Les Mandarins* (1954). A lista das dissonâncias para com a sociedade americana é extensa: o crescente insaciável apetite por mais produção e dinheiro; o entusiasmo geral geral; a submissão ao pragmatismo e a ausência de formalismos; uma sociedade baseada na abstração; pessoas dirigidas por outras que seguem o rebanho como os carneiros de Panurge; a inexaurível fé no individualismo; a heterogeneidade social; a indefinível promiscuidade entre pares e entre gêneros, classes sociais e grupos étnicos; a total rendição a tarefas mecânicas e reféns do tempo, que sancionam e seccionam a participação do intelecto; a falta daquilo que os franceses designam por “la civilisation”, o que, na sua opinião, significa eleger e elogiar atividades de lazer e prazer, tais como comer, beber, produzir e admirar a arte, e ter prazer, que a França bafejada pela abundância e diversidade geográfica de paisagens e terroirs, têm para oferecer. Estas dissonâncias são-no no olhar do Outro que recusa aceitar que estas existem para garantir a continuação das relações entre grupos sociais e a prossecução do processo de construção nacional e de identidade dos indivíduos. No caso, a harmonia desejada é mais um meio do que um fim.

Onde estão as consonâncias? Por pudor, amor e orgulho, a mulher intelectual francesa Simone de Beauvoirespalhou-as nas centenas de páginas, por milhares de palavras e expressões dedicadas em absoluto ao objeto América. Abundam, mas estão dispersas: são fragmentos no tempo e no espaço, cuja unicidade é recomposta e apreendida numa relação emocional e intelectual de outro tipo: a relação entre o autor e o leitor. Cabe ao leitor localizá-las algures entre os EUA e a França, a América e a França ambas imaginadas e constantemente repaginadas e re-situadas na imaginação dos seus amantes e detratores, pelo mundo fora e através dos séculos.

Referências bibliográficas

De Beauvoir, Simone (1972), *Les Mandarins*. 2. vols. Paris: Gallimard [1954].

De Beauvoir, Simone (1997), *Lettres à Nelson Algren. Un amour transatlantique 1947-1964*, Sylvie Le Bon de Beauvoir (org.). Paris: Gallimard.

De Beauvoir, Simone (1999a), *A Transatlantic Love Affair: Letters to Nelson Algren*. Sylvie Le Bon de Beauvoir (org.). Trad. Ellen Gordon Reeves e Vanessa Kling. NY: New Press.

De Beauvoir, Simone (1999b), *L'Amérique au jour le jour*. Paris: Gallimard [1947].

- Kroes, Rob (1996), *If You've Seen One, You've Seen the Mall. Europeans and American Mass Culture*. Urbana: University of Illinois Press.
- Kroes, Rob (2006), "French Views of America Modernity: From Text to Subtext," in Michael Kazin e Joseph A. McCartin (orgs.), *Americanism: New Perspectives on the History of an Ideal*. Chapel Hill, NC: The University of North Carolina Press, 221-241.
- Kuisel, Richard (1997), *Seducing the French: The Dilemma of Americanization*. Chapel Hill, NC: University of Carolina Press.
- Pells, Richard (1998), *Not Like Us: How Europeans Have Loved, Hated, and Transformed American Culture Since World War II*. New York: Basic Books.
- Pierre Rigoulot (2004), *L'Antiaméricanisme – Critique d'un prêt-à-penser, rétrograde et chauvin*. Paris: Robert Laffont.
- Roger, Philippe (2002), *L'ennemi américain. Généalogie de l'antiaméricanisme français*. Paris: Seuil.